



RESENHA: DIALOGANDO SOBRE INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO CONTANDO CASOS (E DESCASOS)

Jonathan Aguiar¹

Dialogando sobre inclusão em educação contando casos (e descasos), publicado pela editora CRV, foi escrito por Mônica Pereira dos Santos, coordenadora e fundadora do Laboratório de Pesquisa, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Inclusão (LaPEADE). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre e Doutora em Psicologia e Educação pela Universidade de Londres. Atuando como docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 1997.

O livro aqui resenhado, desta professora que possui experiência na docência no Brasil e na Inglaterra inicia com a introdução, onde a mesma explica o que motivou escrever esta obra. Destacando que “partiu da ideia de juntar anos de pesquisa” de sua experiência na área da educação, “aliados a alguns casos supervisionados como partes das disciplinas” que lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mônica revela que defende “uma educação de qualidade a qualquer cidadão, por direito, e não por favor” (SANTOS, 2013, p. 7). Além disso, enfatiza “que não há uma receita única e universal” para a compreensão do que seja uma inclusão, afirmando que incluir é um processo “não um fim em si mesmo, e que vamos construindo esse processo em nossa prática cotidiana” (SANTOS, 2013, p. 8).

Tanto que finaliza a introdução com um convite aos leitores e pesquisadores, destacando que este livro seja fonte de inspiração para o desenvolvimento da criatividade oportunizando que todos lutem contra as adversidades. Após esta breve descrição em linhas iniciais, a obra contém oito capítulos, que, tem como foco discutir a Inclusão em Educação.

O primeiro, intitulado: “Mas, afinal, o que é inclusão?” busca contextualizar o conceito de inclusão. Logo, a pesquisadora, apresenta que boa parte dos estudos científicos associam à inclusão a luta das pessoas com deficiência. No entanto, desperta que “a inclusão não se refere unicamente a grupos especificamente constituídos nas sociedades. Mas sim, que ela se refere à luta em prol da defesa de todo e qualquer indivíduo ou grupo em risco, ou situação, de exclusão” (SANTOS, 2013). Complementarmente diz que “inclusão é toda forma de luta contra as exclusões não se resume à técnica (embora não a despreze): necessita de ampla reflexão e análise crítica das situações excludentes (SANTOS, 2013).

Nessa premissa, Santos (2013) ao escrever a respeito das implicações educacionais ainda neste primeiro capítulo, incorpora a este debate, a Declaração de Salamanca, trazendo argumentos interessantes acerca da inclusão em educação, em que todas as crianças devem aprender juntas, independentes de suas diferenças ou dificuldades que possam existir.

A partir daí, Santos (2013) cita, Booth e Ainscow, para explicar o entendimento de inclusão, perpassando as dimensões das culturas (que são os valores, aquilo que se acredita), das políticas (refere-se às regras, acordos e leis) e das práticas (tudo o que fazemos e como fazemos). Esta tridimensionalidade, a autora chega deduzir que em alguns momentos é insuficiente,

¹Jonathan Aguiar, Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, escritorjonathan@gmail.com.



contraditória para promover a tão sonhada inclusão.

A esse assunto, inspirada nas ideias de Booth e Ainscow (de culturas, políticas e práticas) acrescentando outras duas dimensões: dialética e complexidade. Então, cria-se a partir de 2013, o conceito de *Omnilética*, perspectiva base, de toda esta obra aqui resenhada, que “não se resume a uma teoria: ela é um modo de explicar/conceber e ser ao mesmo tempo. Um conceito, portanto, de caráter tanto reflexivo e contemplativo, quanto aplicativo às nossas práticas, ao nosso modo de ser” (SANTOS, 2013, p. 23).

Segundo sua criadora, o termo *Omnilética* é composto pelos seguintes elementos morfológicos: o prefixo latino *omni*, que significa tudo, todo + o radical grego *lektos*, que significa variedade + o sufixo *ico*, que significa concernente a. Em outras palavras este olhar *omnilético* diante das dimensões explicitadas anteriormente (SANTOS, 2013).

Por mais que uma ou outra das dimensões da perspectiva omnilética tenha uma aparente predominância sobre outra em dado momento de uma ocorrência, tal predominância é sempre temporária e provisória. Ao mesmo tempo, as forças relativas às outras duas dimensões estarão em jogo, e dialeticamente alternar-se-ão nesta predominância, em um movimento contínuo, infundável e exponencialmente crescente, que marca seu caráter de complexidade, em que todo altera-se com as partes ao mesmo tempo em que as altera e é por elas alterado (SANTOS, 2013, p. 26).

Já, o segundo capítulo: “(Re)provações”. Subdividido em “Do ponto de vista da escola”, “Do ponto de vista da família” e “Do ponto de vista da professora”, Santos (2013) narra casos reais de exclusão e como acontece a análise *omnilética*. Interessante pontuar as múltiplas alternativas, possibilidades e entraves que podem ser vistos frente a uma situação de aprendizagem.

No capítulo 3 “Preconceitos”, a autora, retoma a defesa que inclusão se refere ao desenvolvimento de culturas, políticas, práticas que promovam direitos humanos, justiça social, rompendo com atitudes preconceituosas, tanto que define preconceito por um olhar *omnilético*, compreende como um fenômeno mais amplo e não apenas psicológico, sociológico, em que gera desdobramentos, problematizações de modo dialético e complexo.

No capítulo quatro, intitulado “Diferenças culturais”, discute-se multiculturalismo, diversidade e transversalidade propiciando inclusão entre a perspectiva *omnilética*. Seguindo esta argumentação caminha-se para os próximos capítulos (5, 6 e 7) - “(Des) encontros consonantais”, “Acertando na mo(s)ça”, e, “O menino que gosta de ler” reflete por meio de situações cotidiano escolar, universitário e social modos de enxergar a inclusão diante das cinco dimensões levantadas por Santos (2013), sem reduzir o olhar *omnilético* a uma única faceta.

Por último, no capítulo oito “considerações finais” resgata que inclusão não tem previsão, tem vivência. Não tem meio e nem fim, existe processo. Em tons conclusivos, esclarece:

[...] além de ser sinônimo de luta pelo aumento da participação de todo e qualquer ser em situação ou em risco de exclusão, é também sinônimo de VIDA. Um brinde, então, à vida. E que ela possa ser, por intermédio, uma vez abraçando esta perspectiva *omnilética* aqui proposta, melhor, mais justa, menos desigual, com garantia de nossos direitos e da paz no mundo (SANTOS, 2013, p. 82).

Diante dessas considerações, a obra em questão resenhada pode ser dirigida a professores da educação básica, do ensino superior, pesquisadores da área da educação e áreas afins. Apresenta-se como importante contribuição para a compreensão da inclusão em educação, mais do que um construto teórico, analítico, filosófico e metodológico, assume um olhar para vida,



com a vida, ressignificando fazeres, culturas, políticas e práticas.

Inclusão em Educação é movimento, é interação, é participação, é complexo, é dialético em diferentes perspectivas e análises. Mônica nos faz esse convite, entre as narrativas, as histórias de vida, acompanhado com os depoimentos de professores, estudantes e gestores. Neste livro há diálogos, casos e descasos que nos ajudam defender uma educação mais participativa, mais inclusiva.

REFERÊNCIA

SANTOS, M. P. dos. **Dialogando sobre inclusão em educação contando casos (e descasos)**. Curitiba: CRV, 2013.